

Resenhas

Simone Dreyfus, *Les Kayapo du Nord, État de Pará — Brésil. Contribution à l'étude des Indiens Gé, Le Monde d'Outre-Mer Passé et Présent. 1.ª Série. Études XXIV*, Mouton & Co., Paris-Haia. 1963, 312 pp.. 27 fotogr. em pranchas, 12 figs. no texto.

Nos últimos decênios, as tribos da família lingüística já têm sido alvo de especial atenção da parte de antropólogos nacionais e estrangeiros. Esse interesse cada vez mais vivo resulta de uma série de importantes problemas teóricos suscitados pelas monografias de Curt Nimuendajú sobre os Apinayé (1939), os Xerente (1942) e os Timbira Orientais (1946). O famoso etnólogo descreveu com bastante rigor a organização social extraordinariamente complexa por ele descoberta naquelas tribos, fornecendo os elementos básicos para análises em sentido funcional e estrutural. Para estudos comparativos mais amplos impunham-se pesquisas semelhantes em outros grupos jê. Uma delas foi empreendida por Alfred Métraux (1954) e Simone Dreyfus (1955) entre os Kayapó do Norte, cujo território se estende hoje, em essência, entre o médio Araguaia e o médio Xingu.

A presente monografia é o resultado principal dessa pesquisa, que teve por objeto dois grupos kayapó: Os Kubenkrânkén̄, no Xingu, e os Gorotire do Rio Fresco, afluente daquele. Simone Dreyfus conviveu cerca de cinco meses com os primeiros, que haviam sido pacificados somente em 1952 e mantinham ainda quase intacta a sua primitiva cultura. Aos Gorotire, já bastante aculturados, fez uma visita de duas semanas.

Não foi fácil a coleta do material. Entre os Kubenkrânkén̄ havia um único indivíduo que falava sofivelmente o Português, e este relutava muito quando solicitado a prestar serviços de informante. Como, além disso, o tempo disponível não fosse suficiente para que a pesquisadora chegassem a dominar o idioma da tribo, o estudo naturalmente não pôde ser tão completo e seguro como era de se desejar, ainda mais porque o objetivo central era a descrição da complicada estrutura social kubenkrânkén̄. Assim mesmo, deve-se reconhecer que Simone Dreyfus conseguiu apresentar um quadro bastante rico da cultura que investigou. E não se limitou a dar a seu trabalho um caráter monográfico. Ampliou-o de modo a estabelecer um confronto entre os Koyapó e as demais tribos do grupo jê. Num capítulo muito sugestivo sobre a mitologia, baseado em 27 textos colhidos por Alfred Métraux, vai até mais longe: estuda as tradições míticas dos Kayapó situando-as no contexto geral das culturas aborígenes da América do Sul.

Após um rápido esboço histórico e geográfico, Simone Dreyfus dedica um capítulo à cultura material, em que concentra a atenção principalmente na construção da aldeia, nas diferentes atividades econômicas e nas técnicas.

A parte mais substancial e mais bem estruturada é a que se refere à vida familiar e social. Trata-se aí minuciosamente dos sucessivos estágios da vida individual (com ênfase particular na primeira infância), das relações familiais e do sistema de parentesco, dos grupos sociais e da guerra. Mostra-se, entre outras coisas, em que sentido o arranjo espacial da aldeia (as habitações familiais constituindo um círculo em torno da praça, em cujo centro se encontra a casa dos homens) reflete a divisão primária da sociedade no grupo dos homens e das mulheres, divisão a que se sobrepõe a existência de duas metades masculinas; analisa-se o sistema das classes de idade masculinas e femininas; estuda-se a instituição da chefia política, econômica e guerreira em suas relações com a divisão em metades e com o sistema de parentesco; discute-se o papel dos grupos patronímicos, que abrangem todos os indivíduos de um e outro sexo. A exposição da nomenclatura de parentesco conduz a uma comparação com os sistemas correspondentes das demais tribos jê. Em tudo isso, a autora procede com bastante cautela, ciente de que sobre uma série de pontos não é possível ainda um pronunciamento definitivo e de que serão necessárias novas pesquisas de campo para se apreender em tóda a sua complexidade a estrutura e a organização sociais dos Jê e dos Kayapó em particular.

Convém destacar ainda algumas páginas magistrais sobre a música dos Kayapó. Esta é de suma importância na vida da tribo e tão variada que não foi possível a Simone Dreyfus, em sua curta permanência no campo, registrar senão uma parte dela. "A música kayapó por nós ouvida é (...) essencialmente coral. Cerimonial, de caráter não religioso, marca as fases da integração social ou auxilia à preparação das atividades coletivas: grandes caçadas, grandes pescarias ou colheita da mandioca. E' exclusivamente monódica; a sua estrutura é pentatônica." (pp. 129-130.) Alguns exemplos dessa arte são estudados com grande pericia, fato muito raro em obras de etnologia brasileira.

Sobre as representações e práticas religiosas há poucos informes no livro. E' um domínio sobre o qual existem alguns artigos, principalmente do missionário austríaco A. Lukesch, mas que mereceria pesquisas mais profundadas.

Em apêndice reproduzem-se os mitos levantados por Alfred Métraux e alguns dados demográficos. — Egon Schaden

John J. Johnson, *The Military and Society in Latin America*, Stanford University Press, Stanford, California, 1964.

A recrudescência das intervenções militares na América Latina tem despertado, nos Estados Unidos, novo interesse pelo nosso militarismo e levado os estudiosos daquele país a uma reavaliação do papel das classes armadas em nossa história. Dentre êsses estudos tem tido certa repercussão o de John J. Johnson que, anteriormente, já nos havia dado uma análise do desempenho do que ele denomina "os setores médios" nas transformações políticas da América Latina (John J. Johnson, *Political Change in Latin America. The Emergence of the Middle Sectors*, Stanford University Press, Stanford, California, 1958).

É objetivo do Autor, na obra mais recente aqui resenhada, mostrar-nos a atuação dos militares nos setores extra-militares da sociedade latino-americana